

O acordo preliminar dá esperança aos credores

CAROLINE ATKINSON E JAMES L. ROWE JR. Do The Washington Post

WASHINGTON — Na semana passada o Brasil conseguiu um acordo preliminar com o Fundo Monetário Internacional sobre um novo programa econômico que permitirá ao País retomar empréstimos com a agência internacional e bancos comerciais, o que deu esperanças aos credores de o final desta semana assinalar o início de uma segunda e desta vez bem-sucedida fase no tratamento da aguda crise financeira da nação mais endividada do mundo em desenvolvimento.

O Brasil — que está devendo 90 bilhões de dólares no Exterior — já está com atraso superior a 1,5 bilhão de dólares nos seus pagamentos aos banqueiros estrangeiros e aos seus fornecedores. Estas obrigações foram-se acumulando no decorrer das dez últimas semanas de longas negociações entre o Brasil e o FMI, desde que o FMI mostrou que o Brasil não estaria cumprindo o seu programa econômico. Interrompeu os pagamentos do empréstimo que prometera e os banqueiros seguiram o exemplo, o que até o momento já custou mais de um bilhão de dólares ao País.

Apesar de os financistas internacionais terem dado um suspiro de alívio quando o novo acordo do Brasil com o FMI foi anunciado nas últimas horas de quinta-feira passada, os problemas do Brasil continuam em primeiro lugar na lista de suas preocupações. Foi o México que deflagrou a crise das dívidas do Terceiro Mundo, há exatamente um ano,

mas foi o Brasil que provocou as maiores dores de cabeça deste ano.

Os banqueiros que estão agora elaborando um novo pacote de financiamento dizem que o Brasil necessitará de mais três a quatro bilhões de dólares no decorrer deste ano, além dos consideráveis novos empréstimos que já lhe foram prometidos. No próximo ano, o Brasil necessitará de 12 a 17 bilhões de dólares — pelo menos seis bilhões dos bancos e o restante de fontes oficiais como o FMI e governos.

Para se juntar tanto dinheiro, é possível que se necessite até quase o final deste ano, dizem as fontes. Como comentou um observador estrangeiro, os brasileiros “perderam a primeira metade deste ano e agora não receberão o dinheiro do qual necessitam até o final da segunda metade... (o atraso) irá machucar a economia bem mais do que o necessário”.

O complicado pacote de empréstimo que o Brasil arranhou com os banqueiros comerciais em fevereiro começou a ir por água abaixo quase antes de ser assinado, quando banqueiros regionais rebeldes se recusaram a colaborar com todo o dinheiro que lhes foi pedido.

Tendo de se adaptar à quantia menor de dinheiro do que a que lhe havia sido prometida, o Brasil logo deixou de alcançar as metas econômicas que tinha prometido ao FMI em troca de um empréstimo no valor de 4,9 bilhões de dólares. Agora, os banqueiros têm esperanças de que o novo programa econômico do Brasil recolocar as finanças do País em ordem. Segundo o plano, o Brasil cortará os seus gastos públicos e os seus empréstimos.